

O ESSENCIAL SOBRE AS UNIDADES DE SEGUNDA ARTICULAÇÃO - OS FONEMAS**

MARIA JOÃO MARÇALO *

1. DO PSICOLOGISMO INICIAL ATÉ À AFIRMAÇÃO DO FONEMA COMO CON- CEITO LINGUÍSTICO

1.1. Pré-história do conceito

O conceito de fonema só toma forma na sequência de um longo processo e poderemos até considerá-lo uma aquisição do nosso século. Contudo, a ideia que se encontra na origem da sua génese é bastante remota, diríamos até que se liga ao primeiro momento em que o homem se serviu da expressão vocal para comunicar.

As primeiras tentativas do homem para registar o discurso são-nos testemunhadas pelas pinturas rupestres. Mas, o discurso só é realmente analisado em unidades quando a escrita pictórica dá lugar à escrita em palavras. A escrita silábica, utilizada nas línguas semíticas ou no japonês, é um avanço decisivo que conduz ao sistema de escrita alfabético. É a criação do primeiro alfabe-

to que cremos dever fazer remontar a consciência da existência de unidades distintas. As grafias, no momento em que são concebidas, procuram fazer corresponder letras a fonemas, e usam a mesma letra para dois fonemas quando estes, por exemplo, em determinada posição não se opõem. A grafia portuguesa utiliza o grafema *o* para representar /u/, /o/ ou /ɔ/. A evolução fónica da língua face ao conservadorismo característico da escrita, leva, em muitos casos, a que a correspondência grafemas/fonemas original deba de se verificar, como, por exemplo, em francês onde *au*, hoje /o/, originariamente representava /aw/.

Apesar de nenhum alfabeto ser completamente fonético, alguns deles revelam um alto grau de correspondência aos sons, interpretados em termos de unidades distintas, que formam os significantes dos monemas da língua considerada.

Os primeiros indícios de reflexão linguística sobre o fonema encontramos-os

* Docente na Universidade de Évora

** Este artigo retoma parcialmente o texto para uma aula teórico-prática de Fonologia e Morfologia do Português, apresentado à Universidade de Évora em Fevereiro de 1992, no âmbito das Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica.

nos gramáticos indianos, por exemplo, nas obras de Pantajali, século II a.C. ⁽¹⁾.

Na Grécia concebe-se a linguagem como sendo constituída por unidades fónicas indivisíveis capazes de formar entidades com significado. Aristóteles, na **Poética** ⁽²⁾, define tais unidades, chamadas elementos primários, como sons indivisíveis, desprovidos de significado, fazendo parte da sílaba, e servindo para fazerem unidades maiores.

Os sons da fala continuaram a ser alvo de atenção durante a Idade Média, embora a gramática constituísse o objecto privilegiado de estudo. São Tomás de Aquino refere os sons da fala como não tendo significado mas cuja função primeira é veicular significado ⁽³⁾.

Necessário foi, contudo, esperar pelo século XIX para que os sons da fala fossem estudados em relação com a sua função numa determinada língua.

1.2. Baudouin de Courtenay

As ideias do linguista polaco Józef Mrozinski (1784-1839) sobre os princípios da estrutura linguística inspiraram certamente Baudouin de Courtenay (1845-1929), outro linguista polaco, contemporâneo de Saussure, mas bastante menos conhecido no ocidente, que por muitos é considerado o fundador da fonologia ⁽⁴⁾.

Mrozinski observa já nos seus escritos que o linguista deve caracterizar as relações entre os sons da fala e com base nelas estabelecer uma classificação desses sons ⁽⁵⁾.

Baudouin de Courtenay apresenta-nos, em germe, o conceito de fonema. Opõe o fonema ao som, definindo-o como "*o equivalente psíquico do som*" ⁽⁶⁾. O fonema é concebido em termos de imagem acústica por oposição à sua realização física, ou seja, o

som. Embora não tenha sido o primeiro a utilizar o termo **fonema** (o primeiro a utilizá-lo parece ter sido Dufriche-Desgenettes em 1873 ⁽⁷⁾), Baudouin de Courtenay é o primeiro a defini-lo e o primeiro a investigar a sua natureza.

O conceito de fonema estende-se por toda a Europa, mas leva o seu tempo a impor-se. Saussure emprega o termo em 1879 e também no **Cours de linguistique générale**, mas não define qual o campo por ele abrangido. Em 1925, Edward Sapir fala de fonemas de um modo pouco claro, não estabelecendo distinções nítidas relativamente às variantes morfológicas.

É o impulso dado aos estudos fonológicos pela Escola de Praga que se revela decisivo para a definição do conceito de fonema.

1.3. Nicolas Trubetzkoy

O Círculo Linguístico de Praga foi criado em 1926. Os seus membros desde logo dispensaram particular atenção à fonologia. De entre eles destaca-se o príncipe russo Nicolas Sergueevitch Trubetzkoy (1890-1839), cujas teorias iniciais sobre o fonema são fortemente influenciadas pela concepção de Baudouin de Courtenay, que definia o fonema como "*a imagem psíquica do som*".

Em 1931, por exemplo, no 2º Congresso Internacional de Linguistas, realizado em Genebra, Trubetzkoy caracteriza o fonema como uma "*intenção de som*" (Lautintentionen, Lautabsichten), ou de forma lata como "*conceito de som*" (Lautbegriffe). Estas tendências psicológicas na concepção de fonema são alvo de certa crítica interna no CLP (nomeadamente por parte de Doroszewski ⁽⁸⁾). O próprio Trubetzkoy acaba por se tornar um paladino na libertação da teoria linguística em relação à psicologia. Assim, na sua obra **Grundzüge der Phonologie**

(Princípios de Fonologia) ⁽⁹⁾ procura banir todos os traços psicologistas, e a definição que nos dá de fonema é já uma definição funcionalista: o fonema é o som que preenche uma função numa dada língua ⁽¹⁰⁾ e será estudado pela fonologia, enquanto a fonética estudará o som em geral nas suas particularidades acústicas e articulatórias. A fonologia ocupar-se-á da função linguística dos sons e a fonética da perspectiva fenomenológica desses sons. Trubetzkoy define os fonemas como "as unidades fonológicas que, numa dada língua, não se deixam analisar em unidades fonológicas mais pequenas e sucessivas" ⁽¹¹⁾. Ainda em *Grundzuge der Phonologie*, escreverá: "o fonema é a soma das particularidades fonologicamente pertinentes" ⁽¹²⁾. E reforça a ideia de que não se deverá recorrer à psicologia para definir o fonema, uma vez que se trata de uma noção linguística e não psicológica. Para Trubetzkoy o fonema é acima de tudo um conceito funcional, devendo portanto ser definido em relação à sua função ⁽¹³⁾.

A contribuição de Trubetzkoy é decisiva para a implantação do conceito de fonema, tal como o foram também a de Leonard Bloomfield, que, especialmente a partir de 1926, utiliza o termo, e ainda as várias contribuições que nos anos 30 versaram o tema. Toda essa reflexão gerada em torno do fonema garantiu-lhe a afirmação e um certo consenso, consenso esse que não se estende, no entanto, aos métodos de análise fonológica.

2. A ANÁLISE FONOLÓGICA

O fonema não é um equivalente do som. O termo som designa uma realidade física. Bertil Malmberg diz que "o som consiste em ondas que se propagam no ar a uma velocidade de cerca de 340m/s" ⁽¹⁴⁾. Raquel Delgado Martins define o som como "uma deslocação do ar que atinge o ouvido" ⁽¹⁵⁾, e é produzido por uma fonte vibratória. A produção de sons da fala, ou seja, de voz, de acordo com

a autora, "para além de ser controlada pelo sistema nervoso central, passa na sua produção por três etapas: a respiração, a fonação e a articulação" ⁽¹⁶⁾. Os inúmeros sons concretos que o aparelho fonador do homem permite produzir não correspondem, pois, directamente, aos fonemas de uma língua, que são necessariamente em número limitado como referimos atrás. Na cadeia sonora, fisicamente considerada, não há propriamente sons: ela pode ser segmentada de diferentes modos, conforme as características que servirem de critério. Os sons de uma língua são, na maior parte dos casos, o correspondente à consciência que temos do fonema. O termo fonema refere-se a uma unidade funcional. Pelas palavras de Martinet diremos que "la phonologie nous enseigne qu'une chose est la réalité physique et qu'autre chose est la réalité représentée par les habitudes linguistiques propres à chaque communauté" ⁽¹⁷⁾.

Podemos ter, por exemplo, casos em que um fonema é constituído por dois sons. Na palavra *mucho* da língua espanhola os sons [t] e [ʃ] são a realização de um único fonema, /c/. Nesta língua o som [ʃ] é sempre precedido de [t], não tendo individualidade fonológica, não é, portanto, um fonema. A consciência dos fonemas correspondentes fará com que um falante do português ouça dois sons [t] e [ʃ] em *mucho* e um falante do espanhol apenas um ⁽¹⁸⁾. O contrário pode verificar-se também, ou seja, um único som pode corresponder a mais do que um fonema. É o que acontece em português com as chamadas "vogais nasais", que se interpretam fonologicamente como "fonema vocálico + fonema nasal" (esta questão será considerada posteriormente). Aos quatro sons [p̃et̃ə] ou três [p̃et̃] de *pente* correspondem cinco fonemas /p̃ENte/. No caso da terminação registada ortograficamente e, diremos, com Morais Barbosa ⁽¹⁹⁾, que se traduz no discurso como [ə] ou como zero fónico: assim teremos ['kɔmə] ou ['kɔm]. Como deverá ser interpretado fonologicamente esse [ə] ou zero fónico? Depois de uma reflexão sobre o problema, Morais Barbosa conclui que só poderá ser interpretado

como um fonema que se opõe quer a /u/ e /a/, que à ausência de qualquer fonema.

O linguista, perante o material sonoro de uma dada língua, tem de examiná-lo de um ponto de vista funcional, ou seja, verificar se os vários sons desempenham ou não uma função. "*Décrire une langue, ce n'est pas énumérer tous les traits physiques qui ont pu frapper l'ouïe de l'observateur, mais bien dégager la pertinence propre à la langue observée*", diríamos com Martinet ⁽²⁰⁾.

O inventário de fonemas de uma língua faz-se partindo de um corpus representativo. Para fazermos o inventário dos fonemas da língua portuguesa socorrer-nos-emos da gravação de vários textos junto de falantes oriundos de várias regiões do país, com idades, grau cultural e educação diferentes, de modo a que o conjunto de textos reunido seja efectivamente representativo da língua portuguesa. Uma vez os textos gravados, faremos a sua notação fonética, utilizando um alfabeto fonético, sabendo que a cada som corresponde um único símbolo e a cada símbolo sempre o mesmo som. Como já vimos anteriormente, por exemplo, [ʃ] representará o som inicial de "Xavier", de "chá vena", o som final de "luz", etc., assim como [z] representará o som intervocálico de "coser", de "cozer" ou de "exame", o som inicial de Zacarias, etc.

Constituindo o corpus, passaremos à sua análise, sabendo que se este for representativo da língua portuguesa nos permitirá inventariar todas as entidades que constituem o sistema fonológico português.

Nesta fase da análise agruparemos todas as ocorrências de uma mesma entidade física. Por exemplo, relativamente ao som [z] registaremos todas as posições em que o som ocorre: início de palavra ['zebra], intervocálico ['meza], etc. Perante o conjunto de unidades inventariadas, cabe-nos seguidamente verificar quais as que têm valor distintivo, isto é, quais as unidades que, substituindo outras, conduzem a uma alteração de significado - os fonemas. Utiliza-

mos para tal, a operação de comutação: em português se substituirmos o som inicial de ['patu] pelo som [g], obteremos um novo significante ['gatu], ao qual corresponde também um novo significado. Se substituirmos [g] por [r], por [l] ou por [m] obteremos os seguintes novos significantes ['ratu], ['latu], ['matu], que veiculam também significados diferentes. Poderemos então concluir que /p g m r l/ são fonemas, uma vez que a sua substituição faz variar o significado. A substituição de um fonema por outro poderá dar lugar a um significante não existente na língua, como ['satu] ['latu]. Tal facto leva-nos a pôr em discussão o problema dos pares mínimos como critério de identificação dos fonemas, como ainda recentemente o fez Henriette Walter na comunicação que apresentou ao XVIII Colóquio Internacional de Linguística Funcional ⁽²¹⁾.

Consideremos um outro exemplo, as palavras **caro** e **carro**, respectivamente ['karu] e ['kaɾu]. Pela prova de comutação verificamos estar perante dois fonemas /r/ e /r/, uma vez que a substituição de um pelo outro implica mudança de significado. Esta operação pressupõe a operação paralela da segmentação, que tem em conta as relações que as unidades linguísticas desenvolvem entre si no eixo sintagmático, relações ditas de contraste.

Em *Cours de linguistique générale*, Ferdinand de Saussure estabelece que nas línguas não há senão diferenças e oposições entre elementos sem qualquer valor positivo: "*Dans la langue il n'y a que des différences. Bien plus: une différence suppose en général des termes positifs entre lesquels elle s'établit; mais dans la langue il n'y a que de différences sans termes positifs*". ⁽²²⁾

Se na linha da tradição saussuriana, concebermos as unidades linguísticas como opositivas, relativas e negativas, os fonemas serão identificados pelas relações que estabelecem com os outros fonemas do sistema a que pertencem. Diremos, de acordo com Martinet, que "*chaque phonème contribue à déterminer la nature phonologique de*

ses voisins, et voit la sienne propre déterminée par eux"⁽²³⁾. Consideramos, porém, que os fonemas não são meras entidades negativas, contrariamente ao que afirma Saussure⁽²⁴⁾. Cada fonema possui uma identidade própria, é constituído por um número de traços que o distinguem dos outros. Esta nossa posição está em sintonia com o pensamento de Martinet, de que são testemunha as seguintes palavras:

"On sait que toute unité distinctive peut être définie de deux façons différentes. D'une part en référence aux contextes où elle apparaît..., il s'agit alors d'une définition syntagmatique. D'autre part, en notant les traits de substance phonique... qui distinguent cette unité des autres unités du même plan... il s'agit ici d'une définition paradigmatique qui met en valeur ce qui oppose les unités qui peuvent figurer dans le mêmes contextes"⁽²⁵⁾.

Também Herculano de Carvalho postula um valor peculiar e próprio para cada unidade lingüística, valor esse que será em simultâneo "absoluto e relativo":

"Integrado no complexo de relações, que constitui a estrutura do seu sistema, cada uma das unidades fônicas ou significativas possui um valor funcional ao mesmo tempo absoluto e relativo, isto é, um valor que, sendo-lhe peculiar e próprio - permitindo-lhe exercer uma função específica em cada uma das suas ocorrências na fala concreta -, é simultaneamente determinado e delimitado pelo valor das outras entidades com as quais está imediata ou mediatamente relacionada"⁽²⁶⁾.

Em relação a ['kaɾu] poderemos, porém, ouvir a realização de /r/ com diferentes características, como vibrante apical múltipla [r], como vibrante uvular [r] ou como constritiva dorso-velar [x]; tal alteração não corresponde a diferentes significados, logo, concluiremos que não estamos em presen-

ça de fonemas distintos, mas sim de variantes. O mesmo se verifica ao pronunciarmos o monema "dor", geralmente pronunciado ['dor], iniciado pela oclusiva ápico-dental [d], utilizando a constritiva [ð]. Não existe, em português, uma distinção de significado expressa pelos sons [d] e [ð]. Estamos, também, perante variantes de um mesmo fonema.

Resumindo, só deveremos considerar fonemas as unidades que na língua em causa se oponham a outras para formar significados diferentes. Acabamos de comprovar que nem todas as unidades físicas que se realizam no discurso, ou seja, nem todos os sons correspondem a fonemas distintos, embora a cada fonema corresponda necessariamente uma unidade física no discurso.

Procurámos identificar todos os fonemas da língua portuguesa, de modo a responder à pergunta de quantos fonemas existem em português. Contudo, é preciso levar em conta que quando se consideraram falantes de várias regiões, se consideraram sistemas lingüísticos diferentes, uma vez que as unidades valem pelas oposições que estabelecem.

2.1. Variantes individuais ou livres e variantes contextuais

Apresentámos, há pouco, exemplos de sons que dissemos não poderem ser identificados como realizações de fonemas diferentes na língua portuguesa, dado que a sua substituição não produz alterações de significado. Em ambos os exemplos estamos perante variantes.

No caso da vibrante múltipla, a sua realização como apical uvular ou constritiva dorso-velar não acarreta alteração de significado⁽²⁷⁾. O falante pode optar livremente por qualquer delas, captando o seu interlo-

cutor a mesma mensagem. Tais variantes dependem exclusivamente do locutor e chamam-se, por isso, variantes individuais ou livres. Cada um de nós utiliza constantemente variantes livres. Estas podem ainda ser designadas por variantes facultativas. Elas podem existir em todas as posições onde o fonema é atestado ou aparecer só em certas posições. Convém distinguir entre as variantes livres, as que resultam de variações fortuitas, e as ditas estilísticas, as que são dotadas de uma função expressiva e que resultam de uma escolha mais ou menos consciente do sujeito falante.

Algumas variantes podem começar por se verificar em certos termos soltos e estender-se gradualmente a outros, são casos de "difusão lexical" ⁽²⁸⁾. As variantes livres testemunham por vezes modificações fonéticas em curso, conhecida que é a lentidão dos processos da mudança linguística. As variações entre as pronúncias [ks] e [s] registadas em termos como *Maximina* ou *syntaxe* demonstram que está ainda em curso a substituição progressiva de [s] por [ks] nas formas que na ortografia apresentam x ⁽²⁹⁾.

[d] e [ð] são também variantes de um mesmo fonema, mas não variantes livres. A realização [d] ou [ð] depende da posição que o fonema ocupa na sílaba: realiza-se [ð] em posição intervocálica, [d] nas outras posições: ['daðu]. O mesmo se passa com [b] e [β] - ['baβα] e com [g] e [χ] - ['gatu], [baʃu]. Estamos perante variantes contextuais ou posicionais, também chamadas variantes combinatórias, dado que se excluem mutuamente. Outro exemplo de variantes contextuais, na nossa língua, é o de [l] e [t]. [l] realiza-se em início de sílaba e [t] em posição final de sílaba, por exemplo ['luʃ] e ['sat].

Em *Grundzüge der Phonologie* ⁽³⁰⁾ Trubetzkoy enuncia quatro regras que nos permitem distinguir fonemas e variantes do seguinte modo:

1ª regra: Se dois sons da mesma língua aparecem exactamente no mesmo contexto fónico e podem ser substituídos um pelo outro sem que se produza uma alteração na significação intelectual da palavra, então esses dois sons são variantes facultativas de um fonema único.

2ª regra: Se dois sons aparecem exactamente na mesma posição fónica e não podem ser substituídos um pelo outro sem modificar a significação das palavras ou sem que a palavra se torne incompreensível, então esses dois sons são realizações de fonemas diferentes.

3ª regra: Se dois sons de uma língua, próximos do ponto de vista acústico ou articulatorio, não se apresentam nunca no mesmo contexto fónico, então devem ser considerados variantes combinatórias de um mesmo fonema.

4ª regra: Dois sons, ainda que satisfazendo as condições da regra 3, não podem ser considerados variantes de um mesmo fonema se na língua em causa puderem aparecer um junto ao outro, ou seja, se forem membros de um grupo fónico, e isso nas condições onde um dos dois aparece isoladamente.

As diferentes realizações de sistemas fonológicos, parcial ou totalmente idênticos, em diferentes regiões, poderá atingir um grau tal que ponha em risco a própria intercompreensão, será talvez o caso das variedades insulares do português, as quais, por vezes, temos dificuldades em compreender. Diremos que tais pronúncias se situam nos limites, ou nas zonas marginais, dos campos de dispersão dos fonemas considerados; para lá de outros fenómenos de outra natureza, como a melodia, que contribuem para a difícil compreensão.

2.2. Fonema e traços pertinentes

Definimos o fonema como a unidade mínima distintiva e **sucessiva**. Sublinhamos **sucessiva** dado que existem outras unidades fonológicas menores do que os fonemas mas que não são, contudo, sucessivas - falamos dos traços pertinentes⁽³¹⁾. Um fonema pode ser considerado como um conjunto de traços pertinentes que se realizam em simultâneo. O fonema /b/ da língua portuguesa define-se pelos seguintes traços pertinentes: *bilabialidade*, *sonoridade*, *não-nasalidade* e *não-lateralidade*. É também aqui a **comutação** que nos vai permitir distinguir, com base na pertinência distintiva, quais os traços físicos da realização dos sons que desempenham uma função, isto é, aqueles que têm uma existência linguística. Para que consideremos linguisticamente pertinente um dado traço é necessário que ele seja objecto de escolha por parte do falante. Retomando o fonema /b/ e comparando-o com /p/, em /'batu/ e /'patu/, por exemplo, concluímos que são ambos *oclusivos*, *não-nasais* e *bilabiais*, distinguindo-se apenas pelo traço da *sonoridade* que caracteriza o /b/ mas não o /p/. Diremos, portanto, que a "*sonoridade*" é um traço pertinente de /b/, pois escolho-o ao pretender pronunciar /'batu/ e não /'patu/.

Será por este processo que verificaremos quais os traços pertinentes das diferentes unidades.

O traço "*sonoro*" é pertinente para distinguir vários pares de fonemas em português: /b/ de /p/, /d/ de /t/, /g/ de /k/, /v/ de /f/, /z/ de /s/ e /ʒ/ de /ʃ/. Não o é, porém, para distinguir /m/, /n/ e /ɲ/, pois o traço *sonoro* aparece automaticamente junto ao traço *nasal*. Em português não há nasais surdas opostas a nasais sonoras. O locutor ao seleccionar o traço *nasal* selecciona também o traço *sonoro*. Do mesmo modo, o traço *oclusivo* não é pertinente, pois não há qualquer fonema que, reunindo as características dos fonemas que vimos analisando, se distinga deles por ser *não oclusivo*.

Não queremos deixar de sublinhar que os traços pertinentes para os fonemas de uma língua podem não o ser para os fonemas de outra língua. Por exemplo, o fonema /l/ em português caracteriza-se por dois traços pertinentes: a *lateralidade* que o distingue de /r/, de /n/, etc, e a *apicalidade* que o distingue de um outro fonema também *lateral*, o /ʎ/. Em francês a *lateralidade* é suficiente para distinguir o /l/ de todos os outros fonemas da língua, pois não existem outros fonemas com o traço pertinente da *lateralidade*.

As relações que os fonemas estabelecem entre si tomam-se mais nítidas pela análise em traços pertinentes, permitindo estabelecer um sistema de proporções agrupando os fonemas que se caracterizam por um determinado traço pertinente. Em português identificaremos as classes: *surda* - /p t k f s ʃ/; *sonora* - /b d g v z z ʒ/; *nasal* - /m n ñ/, *não-nasal* - /p b t d r.../ etc. Os termos utilizados para designar os traços são colocados entre aspas, significando que não devem ser tomados á letra da substância física que sugerem. A designação de um traço, por exemplo *sonoro*, implica proporcionalidade das relações entre a classe das *surdas* e a classe das *sonoras*. As designações dos traços revestem-se de um carácter convencional e não descritivo.

O princípio de pertinência está na base de toda a linguística funcional. Cada ciência fundamenta-se numa pertinência, para nós, para a linguística funcional, a pertinência é a pertinência comunicativa, que se articula em outras pertinências. No que respeita às unidades de segunda articulação dissemos já que elas têm uma pertinência distintiva. A classificação e hierarquização dos factos fónicos de acordo com a sua função estende-se também aos traços. Só os traços que desempenham uma função em ordem à pertinência distintiva, ou seja, aqueles que desempenham uma função distintiva têm uma existência linguística. Estes devem ser identificados entre os factos da substância fónica. Tal operação permitirá

separar o que é decisivo do que o não é. Para nós, funcionalistas, *"dégager les traits pertinents, c'est-à-dire ceux des faits de substance phonique qui assurent la fonction distinctive, fonction fondamentale du langage humain, est précisément le moyen de faire le départ entre ce qui est décisif et le reste."* (32)

O recurso à substância fónica que é necessariamente suposto pela identificação de traços pertinentes, é considerado por Martinet como sendo, talvez, a operação fonológica mais delicada, pois o investigador pode ser tentado a atribuir a essa substância um lugar maior do que aquele que lhe compete (33). O único meio de proteger a língua da arbitrariedade do linguista será impedi-lo de fazer a sua escolha entre as características fónicas que contribuem para a distinção dos fonemas, o que significa que *"un trait pertinent est un ensemble de caractéristiques phoniques distinctives qui ne se trouvent dissociées nulle part dans le système"* (34). Este o entendimento que devemos ter de traço pertinente, obrigatoriamente diferente do que fazia Troubetzkoy, que considerava como traços pertinentes de um fonema todos os que fossem comuns às variantes desse fonema (35).

Convém sublinhar, como recentemente o fez Morais Barbosa (36), que para Troubetzkoy o fonema era a unidade de base da fonologia, enquanto para nós, funcionalistas, esta é o traço pertinente (37). É essa a única unidade para a qual postulamos uma existência real, o que implica que *"dès que nous avons dégagé les traits pertinents d'un*

idiome et que nous passons à l'examen de leurs rapports et de leurs groupements, nous opérons avec des concepts qui peuvent paraître correspondre à une certaine réalité matérielle, comme le phonème, mais qui n'existent pour nous que pour autant que nous les avons définis en fonction du trait pertinent" (38). O termo que designa um traço pertinente ou distintivo deve, pois, como dissemos antes, ser entendido como convencional e não descritivo (39).

As classes de fonemas caracterizadas por um mesmo traço pertinente, mas cujas realizações ocorrem em pontos diferentes, formam uma **série**. Os fonemas que partilham o mesmo ponto de articulação, sendo este o traço pertinente que os agrupa numa classe, formam uma **ordem**. Em português temos, por exemplo, a ordem das "bilabiais" - /p b m / e a série das "surdas" - /p t k f s š /.

Quando duas séries de fonemas se distinguem por um único traço diremos que formam uma **correlação**. O traço pertinente que distingue essas duas séries recebe o nome de **marca da correlação**. A "sonoridade" é a marca de correlação entre as séries /p t k f s s/ e /b d g v z z /.

A proporcionalidade das relações estabelecidas entre os fonemas consonânticos do português pode ser visualizada no seguinte quadro, onde se colocaram na horizontal os fonemas que constituem séries e na vertical os que constituem ordens:

	bilabiais	lábio dentais	apicais	sibilantes	chiantes	palatais	dorso-velares	uvular
surdas	p	f	t	s	ʃ		k	
sonoras	b	v	d	z	z		g	
nasais	m		n			ɲ		
laterais			l			ʎ		
vibrantes			r					ʀ

A identificação dos fonemas resulta assim de enumeração dos seus traços pertinentes, aqueles que lhes garantem uma existência distinta dos outros da mesma língua. Os traços pertinentes são, tal como os fonemas, unidades distintivas, porém realizam-se em simultâneo e não sucessivamente como os fonemas.

2.3. Arquifonema e neutralização

A existência de fonemas diferentes implica relações de oposição. Se a relação de oposição deixar de se verificar em certos contextos, estaremos perante uma neutralização.

Em português os dois fonemas vibrantes, simples /r/ e múltiplo /r/, só se opõem em oposição intervocálica, no interior da palavra (/karu/ - /karu/). Em início e final de sílaba e depois de consoante homossilábica, por exemplo, [ˈrɑmu], [ˈbilru], [ˈkɔrtə] [ˈkɔr], [ˈgrɑðə], [ɑˈtrɔs], a oposição não se verifica, e por isso diz-se que se neutraliza. Nos contextos em que a oposição se neutraliza falaremos do arquifonema /R/, uma entidade constituída pelos traços comuns aos fonemas membros da oposição. O modo como o arquifonema se realiza é irrelevante de um ponto de vista teórico. No caso das vibrantes, em início de palavra, depois de consoante heterossilábica e de vogais foneticamente nasais (vogais estas que deveremos interpretar fonologicamente como sequências de vogal + arquifonema nasal, /N/ - consulte-se sobre este assunto, que será posteriormente aprofundado, o artigo de Morais Barbosa "*Les voyelles nasales portugaises: interprétation phonologique*")⁽⁴⁰⁾, o arquifonema realiza-se sempre como vibrante múltipla: [ˈratu], [ˈgɛlɾɑ], [ˈmɛlɾu], [ˈõɾɑ] em início de sílaba; em final de sílaba e depois de outra consoante homossilábica realiza-se sempre a vibrante simples: [ˈbar], [ˈɔɾɑ], [ˈmaʃtru], etc. Em português falaremos ainda do arquifonema "lateral" /L/, do arquifonema "sibilante" /S/ e do arquifonema

"nasal" /N/, bem como de arquifonemas "vocálicos", nomeadamente /E/, /A/ e /O/ antes de /N/.

2.4. Relações sintagmáticas e paradigmáticas

A identificação das unidades de segunda articulação deve ter em conta a maneira como as entidades linguísticas se relacionam entre si. Por um lado encontram-se ordenadas em sucessão, estabelecendo relações directamente observáveis no enunciado; as relações deste tipo, que se desenrolam no eixo sintagmático, denominam-se relações sintagmáticas. Por outro lado, as mesmas unidades estabelecem relações de oposição com aquelas que, não estando presentes, poderiam figurar no seu lugar, produzindo uma alteração de significado. Estas relações ocorrem no eixo paradigmático e são chamadas relações paradigmáticas ou oposições. Por exemplo, diremos que /p/, /b/, /l/ e /g/ se opõem na medida em que podem ocorrer em oposição inicial seguidos da sequência /-ata/, formando diversos signos: /ˈpata/, /ˈbata/, /ˈlata/ e /ˈgata/.

Os signos linguísticos realizam-se linearmente, sucedendo-se os seus constituintes uns aos outros, numa dada ordem. A ordem pela qual as unidades distintivas se sucedem é fundamental para a identificação do signo, a sequência /ˈtapa/, constituída pelos mesmos fonemas de /ˈpata/, forma um outro signo da língua portuguesa. Importa ainda sublinhar que certas sequências são possíveis e outras não: assim não se atesta em português a sequência */tpaa/. Toda e qualquer mensagem se organiza com base em relações deste tipo, relações sintagmáticas, relações estas que decorrem do princípio da linearidade do significante, enunciado por Suassure⁽⁴¹⁾. A importância das relações paradigmáticas não deve, porém, ser menosprezada. Os dois eixos são complementares e só tendo em conta a ambos se

poderá fazer a correcta identificação dos elementos de uma língua.

A análise fonológica, numa perspectiva funcional, deve fazer uma distinção explícita entre as relações de contraste na cadeia falada, e as relações de oposição no sistema.

A análise fonológica visa classificar os elementos fónicos de uma língua segundo a sua função nessa língua. A principal função dos fonemas é a função opositiva ou distintiva que permite identificar um signo por oposição a outros.

CONCLUSÃO

Retomando os principais pontos focados, diremos que os fonemas são unidades de segunda articulação, unidades mínimas distintivas e sucessivas que estabelecem entre si relações de oposição e contraste a nível paradigmático e sintagmático, respectivamente. Um conjunto de traços caracteriza o fonema. Não esqueceremos que o termo que designa o traço tem um carácter convencional e não descritivo, e que o traço pertinente é, para nós, um conjunto de características fónicas que não se encontrem dissociadas em parte alguma do sistema.

A perda do traço pertinente que distingue os membros de uma oposição coloca-nos perante um caso de neutralização, e consequentemente perante um arquifonema.

O método de descrição fonológica socorre-se das operações de comutação e de segmentação para classificar os elementos fónicos de uma língua de acordo com a sua função na comunicação. A função principal dos fonemas é a função distintiva que permite identificar os monemas por oposição a outros. Os sistemas fonológicos va-

riam de língua para língua, dado que, como dissemos, tudo nas línguas, excepto o exposto na sua definição, é específico da língua em causa.

NOTAS

(1) - Cf. Jirí Krámsky, *The Phoneme. Introduction to the History and Theories of a Concept*, Munique, Wilhelm Fink, 1974, p.11.

(2) - Aristóteles, *Poética*, Tradução de Eudoro de Sousa, Lisboa, Guimarães Editores, 1964, p.137.

(3) - Cf. Krámsky, obra cit., p.12.

(4) - Ver Pierre Léon, Henry Schogt, Edward Burstynsky, *La phonologie - les écoles et les théories*, Paris, Klincksieck, 1977, p.15.

(5) - Józef Mrozinski apud Krámsky, p.14-15.

(6) - Cf. Baudouin de Courtenay, *Próba teoril alternacij fonetycznych*, p. 234, apud Jirí Krámsky, *The phoneme*, p.27.

(7) - Dufriche-desgenettes é o primeiro a utilizar o termo "fonema", em 24 de maio de 1873, num encontro da "Société de Linguistique de paris". Propõe "phonème" em vez de "son du langage" como equivalente ao alemão "Sprechlaut", apud Krámsky, obra. cit., p. 21.

(8) - Witold Doroszewski, "Autour du «Phonème»", *TCLP4*, Prague, 1931, pp.61-74.

(9) - Grundzuge der Phonologie, *Travaux du Cercle Linguistique de Prague*, 7, 1939, tradução francesa de J. Cantineau,

Principes de Phonologie, Paris, Klincksieck, 1949, reedição de 1976.

(10) - Ver Id., ib., p.12.

(11) - Cf. Id., ib., p.37, "unités phonologiques qui, au point de vue de la langue en question, ne se laissent pas analyser en unités phonologiques encore plus petites et successives".

(12) - Id., ib., p.40.

(13) - "Le phonème est avant tout un concept fonctionnel, qui doit être défini par rapport à sa fonction.", id., p.43.

(14) - Bertil Malmberg, A Fonética, Lisboa, Livros do Brasil, 1954, p.15.

(15) - Maria Raquel Delgado Martins, Ouvir Falar. Introdução à Fonética do Português, Lisboa, Caminho, 1988, p.25.

(16) - Id., ib.

(17) - A. Martinet, La Linguistique synchronique, p.47.

(18) - Sobre "percepção" ver M^a Raquel Delgado Martins, Sept Études sur la Perception, Lisboa, INIC, 1986.

(19) - Jorge Morais Barbosa, Études de phonologie portugaise, Évora, Universidade de Évora, 2^a ed., 1983, p.106 e ss.

(20) - La Linguistique synchronique, p.47.

(21) - Henriette Walter, "Poids phonologique, phonèmes récessifs et dynamiques", XVIII Colóquio Internacional de Linguística Funcional, Praga, 12-17/Julho, 1991. (22) - Ferdinand de Saussure, Cours, p.166.

(23) - La Linguistique synchronique, p.61.

(24) - Outros autores perfilham este princípio, como por exemplo Louis Hjelmslev.

(25) - La Linguistique synchronique, p.130.

(26) - Herculano de Carvalho, Teoria da Linguagem, Coimbra, Coimbra Editora, vol.II, p.409. Cf. ainda as notas 8 e 9, pp.409-410.

(27) - Cf. J. Morais Barbosa, "Sur le /R/ portugais", Miscelânea Homenaje a André Martinet, Canarias, Universidad de la Laguna, 1962, pp.211-226.

(28) - Ver A. Martinet, "Notes sur les «changements phonétiques»", La Linguistique, 23, 2, 1987, pp.44-46 e David S. Fagan, "On Profiles in Lexical Diffusion", La Linguistique, 23, 2, 1987, pp.47-57.

(29) - Cf. J. Morais Barbosa, "Notas sobre a Pronúncia Portuguesa nos últimos Cem Anos", p.363 e ss.

(30) - N. S. Trubetzkoy, Principes de phonologie, Paris, Klincksieck, 1939, 1976, p.47 e ss.

(31) - De início os fonemas são considerados indecomponíveis. Esta é, por exemplo, a concepção expressa em 1930 no Congresso de Fonologia de Praga. Na América, Bloomfield, em Language, 1933, p.79/80 apresenta uma posição algo diferente. Concebe o fonema como um conjunto de "acoustic features", alguns dos quais distintivos e outros não. Em 1938, Trubetzkoy havia já revisto o problema, e a definição que nos dá de fonema é a seguinte: "On peut dire que le phonème est la somme des particularités phonologiquement pertinentes que

comporte une image phonique", *Principes de phonologie*, p. 40.

(32) - A. Martinet, *La Linguistique synchronique*, p.75.

(33) - Cf. Id., *ib.* Em tal perigo caíu Trubetzkoy: "L'image de la réalité matérielle à laquelle fait allusion Martinet a d'ailleurs dominé, sinon la doctrine, au moins la pratique phonologique de Trubetzkoy bien plus profondément que l'on ne s'aurait pas attendu.", J. Morais Barbosa, "Les prolongements de la phonologie pragoise", XVIII Colóquio Internacional de Linguística Funcional, p.6.

(34) - A. Martinet, *La Linguistique synchronique*, p.144.

(35) - Ver Josef Vachek, *Dictionnaire de linguistique de l'École de Prague*, Utrecht/Anvers, Spectrum, 3ª ed., 1970, p.23.

(36) - "Les prolongements de la phonologie pragoise", XVIII Colóquio Internacional de Linguística Funcional, Praga, 12-17/Julho, 1991, p.5.

(37) - A. Martinet, *La Linguistique synchronique*, p.75.

(38) - Id., *ib.*

(39) - Id., *ib.*, pp.144-145.

(40) - Jorge Morais Barbosa, "Les voyelles nasales portugaises: interprétation phonologique", in *Proceedings of the 4 International Congress of Phonetic Sciences*. Helsinki, 1961/Mouton: The Hague, 1962, pp.691-708.

(41) - Ferdinand de Saussure, *Cours*, p.103.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES, *Poética*, Lisboa, Guimarães Editores, 1964, tradução de Eudoro de Sousa.

BARBOSA, Jorge Morais, *Études de phonologie portugaise*, Lisboa, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, Estudos políticos e sociais, 1965, 2ª ed., Universidade de Évora, 1983.

- *Fonética e Fonologia*. Problemas teóricos e metodológicos, Sep. de revista de Portugal, série A, Língua Portuguesa, 26, 1961, p.307-314.

- *Linguística Geral*, Apontamentos das lições dadas ao curso de Administração Ultramarina, Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas Ultramarina, Lisboa, Edição da Associação Académica do ISCSPU, 1964.

- "Les voyelles nasales portugaises: interprétation phonologique", in *Proceedings of the Fourth International Congress of Phonetic Sciences*, Helsinki/Hala, Mouton, 1962, pp.691-708.

- *Sur le /R/ portugais*, *Miscelânea Homenaje a André Martinet*. Estructuralismo e Historia, III, Canarias, Universidad de La Laguna, 1962, pp.211-226.

- *Língua, Dialecto, Falar Local*, Sep. de Estudos Políticos e Sociais, 3, 3, 1965, p.727-739.

- *Notas sobre a Pronúncia Portuguesa nos últimos Cem Anos*, Biblos, Coimbra, vol.LXIV (1988), 1991, p.329-382.

- "Les prolongements de la phonologie pragoise", *comunicação apresentada ao XVIII Colóquio Internacional de Linguística Funcional* realizada em Praga entre 12 e 17 de Julho de 1991.

BLOOMFIELD, Leonard, *Language*, New York, Holt, Rinehart and Winston, 1933, University of Chicago Press, 1984.

LOLÉO, Manuel de Paiva, *Estudos de Linguística Portuguesa e Romântica*, Acta Universitatis Conimbrigensis, Coimbra, Universidade, 1974, vol.I.

CÂMARA, Jr., Joaquim Mattoso, *Para o estudo da Fonética Portuguesa*, Rio de Janeiro, 1953, 2ª ed., 1977.

CARVALHO, José G. Herculano de, *Teoria da Linguagem*, Coimbra, Coimbra Editora, 2 vol.; vol.1 1ªed., 1967, 6ªed., 1983; vol. 2, 1984.

CINTRA, Luís F. Lindley, *Estudos de Dialectologia Portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa Editora, 1983.

DELGADO MARTINS, Maria Raquel, *Ouvir Falar, Introdução à Fonética do Português*, Lisboa, Caminho, 1988.

- *Sept études sur la perception*, Lisboa, INIC, 3ª ed., 1986.

DUBOIS, Jean et alii, *Dictionnaire de Linguistique*, Paris, Librairie Larousse, 1973.

FAGAN, David S., On Profiles In Lexical Diffusion, *La Linguistique*, 23, 2, 1987, pp.47-57.

GALISSON, Robert e COSTE, Daniel, *Dicionário de Didáctica das Línguas*, Coimbra, Almedina, 1983.

GLEASON, Jr., H.A., *Introdução à Linguística Descritiva*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2ª ed., 1985 (tradução de João Pinguelo, de An Introduction to Descriptive Linguistics, New York, Holt, Rinehart and Winston, 1955, 1961).

LÉON, P., SCHOGT, H. e BURSTYNSKY, E., *La phonologie - les écoles et les théories*, Paris, Klincksieck, 1977.

KRÁMSKY, Jiri, *The Phoneme. Introduction to the History and theories of a concept*, Munique, Wilhelm Fink, 1974.

MALMBERG, Bertil, *A Fonética. No Mundo dos Sons da Linguagem*, Lisboa, Livros do Brasil, s.d. (tradução de Oliveira Figueiredo, de La Phonétique, PUF, 1954).

MARÇALO, Maria João, "Naissance et mort d'un concept - La morphophonologie", *comunicação apresentada ao XVIII Colóquio Internacional de Linguística Funcional*, Praga, 12 a 17 de Julho de 1991. Publicado na versão portuguesa em *Ler Educação*

- "O Círculo Linguístico de Praga e a Concepção de Fonema", in *Actas do VII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lx, 1991, pp.

MARTIN, La description phonologique, *La Linguistique*, Paris, PUF, 21, 1985, p.158-175.

MARTINET, André, *Phonology as Functional Phonetics*, Three lectures delivered before the University of London in 1964, Londres, Publication of the Philological Society, University of Oxford Press, 1949. Reedição Oxford, Blackwell, 1955, 40p.

- *Économie des changements phonétiques, Traité de phonologie diachronique*, Berne, Francke Verlag, 1955.

- *La description phonologique, avec application au parler franco-provençal d'Hauteville (Savoie)*, Genève et Paris, Droz et Minard, 1956, 108p.

- *Éléments de linguistique générale*, Paris, Armand Collin, 1960. Edição reformulada, 1980. Tradução portuguesa de Jorge Morais Barbosa, Elementos de Linguística Geral, Livraria Sá da Costa Editora, 1964, 10ª ed. de 1985, baseada na ed. francesa de 1980.

- *A Functional View of Language*, Oxford, Clarendon, 1962.

- *La Linguistique synchronique*, Paris, PUF, 1965, 3ªed. revista, 1970.

- dir., *Le Langage*, Paris, Galliumard, 1968, 2ª ed. 1982.

- dir., *La Linguistique, Guide alphabétique*, Paris, Denoel, 1969. Tradução Portuguesa de Wanda Ramos, Conceitos Fundamentais da Linguística, Lisboa, Presença, s.d.

- *Réalisation identique de phonèmes différents*, *La Linguistique*, 2, 1969, p.127-129.

- *Ce que n'est pas la phonologie, Phonologie des usages du français*, dir. de Henriette Walter, Paris, Larousse, p.6-13. Reproduzido em Martinet, André, *Fonction et dynamique des langues*, Paris, Armand Colin, 1989, p. 112-118.

- *Neutralisation et archiphonème*, *Travaux du cercle linguistique de Prague*, 6, 1936, pp.46-57.

- *Un ou deux phonèmes?*, *Acta Linguistica Hafniensia*, Copenhague 1, pp. 94-103. Reproduzido em *La Linguistique synchronique*, pp.115-129.

- *Substance phonique et traits distinctifs*, *B.S.L.*, 53, 1, pp.72-85. Reproduzido com alterações em *La Linguistique synchronique*, pp.130-146.

- *Arbitraire linguistique et double articulation*, Cahiers Ferdinand de Saussure, 15, pp.105-116. reproduzido em *La Linguistique synchronique*, pp.27-41.

- *Notes sur les changements phonétiques*, *La Linguistique*, 23, 2, 1987, p.43-46.

- *De la synchronie dynamique*, *La Linguistique*, 26, 1, 1990, pp.13-23.

MARTINET, Jeanne, *Chaves para a Semiologia*, Lisboa, Dom Quixote, 1976 (tradução de António Massano e Isabel Pascoal, de *Clefs pour la Semiologie*, Paris, Seghers, 1974).

MOUNIN, Georges, *Clefs pour la linguistique*, Paris, seghers, 1968.

- *Les problèmes théoriques de la traduction*, Paris, Gallimard, 1963.

POTTIER, Bernard, dir., *Le Langage, Les dictionnaires du savoir moderne*, Paris, CEPL, 1973.

ROBINS, R. H., *A short History of Linguistics*, London/New York, Longman, 1967, 3ª ed., 1990.

SAUSSURE, Ferdinand de, *Cours de Linguistique générale*, Paris, Payot, 1916, ed. crítica de Tullio de Mauro, 1976.

TRUBETZKOY, Nicolas S., *Grundzuge der phonologie*, TCLP, 7, 1939, Tradução francesa de J. Cantineau, *Principes de phonologie*, Paris, Klincksieck, 1949, reedição de 1976.

VACHEK, Josef, *Dictionnaire de linguistique de l'École de Prague*, Utrecht/Anvers, Spectrum, 3ª ed., 1970.

WALTER, Henriette, "Diversité phonologique et communauté linguistique", In **Martinet, Jeanne**, dir., *De la théorie linguistique à l'enseignement de la langues*, Paris, PUF, 1974, pp.175-189.

- *La dynamique des phonèmes dans le lexique français contemporain*, Paris, France Expansion, 1976.

- "Poids phonologique, phonèmes récessifs et dynamiques", *Actas do XVIII Colóquio Internacional de Linguística Funcional*, Praga, 1991.

PEDRO DE MATOS

TUDO O TIPO DE MATERIAL DE ESCRITÓRIO

Consumíveis p/ computadores - fax-máquinas
eléctricas e electrónicas, das melhores marcas

GEHA - BOEDER.

Entregas directas

CALÇADA DAS NECESSIDADES, 30 - B

1300 LISBOA

TEL. 3973217